



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA JOÃO PAULO II À POLÓNIA

2-10 DE JUNHO DE 1979

DISCURSO DO SANTO PADRE NA CERIMÓNIA DE DESPEDIDA DA POLÓNIA

Aeroporto de Balice

Cracóvia, 10 de Junho de 1979

Ilustre Senhor

Presidente do Conselho de Estado

da República Popular Polaca!

Ilustres Senhores!

1. Chegou o momento da minha despedida de Cracóvia e da Polónia. Embora esta separação não possa certamente quebrar os profundos vínculos espirituais e os sentimentos que me ligam à minha cidade, à minha Pátria e aos seus Habitantes, sinto dolorosamente nesta altura a separação. A minha Sé episcopal é todavia agora Roma e torna-se necessário que para lá regresse; lá, onde nenhum filho da Igreja, mais — poderíamos dizer — onde nenhum homem, polaco ou filho de qualquer outra nação, é estrangeiro.

Chegou agora o momento das saudações e dos agradecimentos. Quero começar por dirigir as minhas palavras de agradecimento ao Senhor Presidente do Conselho de Estado que, juntamente com os outros representantes das Autoridades estatais, quis vir aqui para saudar-me assim como há nove dias me deu as boas-vindas à terra natal em nome das Autoridades da República Polaca. Agradeço-vos esta dupla cortesia, que tanto apreciei e sempre apreciarei por tudo quanto ela exprime.

Quero, além disso, neste lugar, exprimir os meus cordiais agradecimentos pela hospitalidade que me foi oferecida, para a qual muito contribuíram também as Autoridades do Estado tanto centrais

como locais. Agradeço especialmente uma vez mais o encontro no Belveder, no primeiro dia da minha visita à Polónia. Espero que esta visita, que está agora a concluir-se, contribua para o novo desenvolvimento das relações entre o Estado e a Igreja na Polónia, e também entre a Sé Apostólica e a Polónia.

Dou-me conta de quanto a palavra «hospitalidade» é rica em delicadeza, mas ao mesmo tempo quanto ela, neste caso, contém de fadiga, quantos problemas esconde em si, quantos trabalhos de preparação, quantas decisões e enfim quanto esforço para a sua realização.

Digo pois a todos «obrigado», e quero que este «obrigado» chegue a todos aqueles a quem devo agradecimentos, e não sei se na terra polaca há algum a quem eu não seja devedor neste campo.

Creio que devo agradecer a todos. Dirijo os sinais da minha gratidão às Autoridades do Governo, às Autoridades de cada «voivodia» e às Autoridades da cidade de Cracóvia.

2. Eminentíssimo Cardeal Primaz da Polónia, dirijo também os meus vivos agradecimentos a vós pelo vosso «até à vista», expresso em nome pessoal e no de toda a Igreja na Polónia. As palavras de boas-vindas queria responder com todo o meu serviço que, devido à divina Providência e devido à vossa cordialidade, tenho a ventura e a alegria de realizar nestes poucos dias. Neste momento não me resta senão agradecer com todo o coração a Vossa Eminência, ao Episcopado, aos Sacerdotes, às Famílias religiosas masculinas e femininas e a todo o Povo de Deus na Polónia tão vivos e cordiais sentimentos, as orações que me acompanharam nesta inolvidável peregrinação desde Varsóvia através da Gniezno de Santo Adalberto, através de Jasna Góra, até Santo Estanislau em Cracóvia. Agradeço a Deus a vossa fé, o vosso apego à Sé Apostólica e ao Sucessor de São Pedro.

A minha breve permanência na Polónia reforçou ainda mais os laços espirituais que me prendem à querida Pátria e a esta Igreja da qual provenho e que desejo servir com todo o meu coração e com todas as minhas forças, graças ao meu ministério universal de Papa.

Agradeço terdes-me certificado de que vos recordais de mim na oração. Lá, além-Alpes, ouvirei espiritualmente o som dos sinos que chamam os fiéis à oração, sobretudo ao *Angelus* e ao mesmo tempo ouvirei o latejar do coração dos meus compatriotas.

«Deus pague» à venerável Conferência do Episcopado Polaco, presidida pelo Cardeal Primaz, pelo Metropolita de Cracóvia e pelo Bispo-Secretário. «Deus pague» a todos.

3. A visita do Papa à Polónia é sem dúvida *acontecimento sem precedentes*, não só neste século mas também no milénio inteiro de vida cristã polaca, tanto mais que se trata da visita dum Papa Polaco, que tem o sacrossanto direito de partilhar os sentimentos da própria Nação. Tal

participação, com efeito, é parte integrante do seu ministério de Sucessor de Pedro quanto à Igreja inteira.

Este acontecimento sem precedentes é indubiamente acto de coragem de ambos os lados. Todavia, nos nossos tempos, *esse acto de coragem é necessário*. Urge ter a coragem de andar na direcção que ninguém seguiu até hoje, do mesmo modo que em tempos idos foi necessária coragem a Simão para dirigir-se do lago de Genezaré da Galileia a Roma, que lhe era desconhecida.

Os nossos tempos têm grande necessidade dum testemunho que exprima abertamente a vontade de aproximar entre si nações e regimes, como *condição indispensável para a paz no mundo*. Os nossos tempos exigem de nós que não nos fechemos nas rígidas fronteiras dos sistemas, mas procuremos tudo o que é necessário *ao bem do homem*; este deve encontrar em toda a parte a consciência e a certeza da sua autêntica cidadania. Gostaria de dizer: em qualquer sistema de relações e de forças.

Obrigado, pois, por esta visita, ao mesmo tempo que faço votos por que ela se revele útil e sirva no futuro aos objectivos e aos valores que tinham sido propostos.

Despeço-me de Cracóvia. Desejo-lhe nova juventude.

Desejo que ela continue a ser para os Polacos, para a Europa e para o mundo, aquela magnífica testemunha de história da Nação e da Igreja que é actualmente; desejo que o património cultural encerrado dentro dos muros de Cracóvia, cujo bem tanto está a peito ao Senhor Presidente do Estado, continue a falar com o seu inimitável conteúdo. Despeço-me da minha Pátria.

Ao partir beijo esta terra, da qual nunca se pode separar o meu coração. Abençoe-vos Deus onnipotente: Pai, Filho e Espírito Santo.